

Uma Educação Física que Subsiste: O que fazer?

Sotério de Magalhães, Romildo¹

Apresentação

Em sentido figurado subsistir significa “viver em condições impróprias e difíceis”. As condições da Educação Física Escolar são justamente estas: *impróprias e difíceis*. E são estas por diferentes motivos, situações, interesses. O que queremos destacar como subsistência nesse ensaio passa por questões de relevância cultural. A compreensão que se tem da educação física nos parece ser um dos maiores entraves para que ela aconteça de fato como disciplina escolar. E isso não é evidenciado tão somente pelos conteúdos escolhidos, mas pela forma e pelo trato que eles recebem, por parte dos atores envolvidos.

Pensar a Educação Física hoje é pensar numa diversidade de corpos com limites e possibilidades veladas e reveladas. Significa pensar o que queremos com a Educação Física. Esse exercício pode ser um caminho para superar certos ranços diretamente vinculados a uma instrumentalização da disciplina, seja para o alívio das tensões, seja o futebol jogado de qualquer maneira², ou qualquer outra forma que não esgote suas possibilidades de contribuir para a formação dos alunos como parte de um projeto pedagógico.

Não pensar a educação física é considerar os tempos, os espaços, os conteúdos como *coisas naturais*. Significa pensar que, ao ocupar um espaço, desde que ele seja uma quadra, usar um material, desde que ele seja uma bola, e praticar uma

¹ Instituto Federal Minas Gerais
Campus Ouro Preto

² O futebol jogado de qualquer maneira pode ser entendido aqui como ranca, racha, rachão, pelada ou pela dependendo da região do Brasil em que é praticado. É um jogo informal, sem uniforme e nas aulas de Educação Física também é sinônimo de outra expressão comum, muito pertinente de ser lembrada nesse texto: rola bola.

atividade, desde que ela seja um esporte, contempla o que queremos com uma prática educativa, formadora, crítica, não excludente³.

Uma educação física não pensada atende e proporciona uma prática respeitada na maioria das escolas que a realiza. Baseada na prática de alguns esportes, esta educação física é fácil porque dissolve suas possibilidades numa prática acrítica e descontextualizada, resumida em jogar, marcar, arremessar, chutar, chutar, chutar...

É fácil porque não aprofunda nas singularidades que diferenciam as pessoas e evidenciam as peculiaridades da aula de educação física, revelando-a como uma prática social, corporal, física, afetiva, cognitiva, mental, expressiva, psicológica, relativa, ideológica etc. Esta estratificação é um fato com o qual não concordamos, mas colocamos desta forma com o intuito de provocar e chamar a atenção para as inumeráveis situações a que podemos nos submeter, e que de fato ocorrem em uma aula de educação física. Situações que podemos transformar em elementos cruciais para o trabalho.

São questões relacionadas ao gênero, limitações técnicas, físicas, biológicas. São limitações em que o aluno busca, ou não busca, superar. Elas podem ter determinado tipo de origem (condicionamento físico, falta de um membro, timidez, formação religiosa etc.), mas a lida com esta limitação não acontece pontualmente. É nas relações que a trama se configura e o drama é vivenciado.

Pensar a educação física, então, é o que nos interessa. Marcada pela diferença dos corpos, pelos limites e possibilidades desses corpos, e é também marcada pelos elementos culturais que a cercam. E é esse o ponto para sabermos de que educação física ou educações físicas estamos falando.

A motivação para este texto nasceu num seminário intitulado Educação Física em Diálogo, realizado na cidade de Ouro Preto / Minas Gerais / Brasil em agosto de 2010, organizado pelos professores do IFMG. O seminário teve como tema: **sedução, diversidade e autonomia. Isto é Educação Física**. Cinco mesas

³ Não usamos inclusiva por pensar que os alunos já estão incluídos quando se matriculam na escola. Nossa função a partir daí é cuidar dos meios pelos quais o processo acontecerá.

discutiram a educação física. Três delas contaram com as presenças do Professor Jocimar Daolio (UNICAMP), Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (UFMG) e Andrea Moreno (UFMG), as outras duas mesas foram formadas por alunos e ex-alunos dialogando sobre suas experiências com o corpo na escola (quatro alunos em cada mesa)⁴. Nosso público alvo, professores da rede de ensino público, alguns da rede particular e alguns da rede federal denunciaram uma educação física feita de muito trabalho, muitos desencontros e quase sempre desanimadora. Uma educação física sem apoio, sem material, sem espaço físico é, na opinião de um professor, uma educação física que não precisa ser dada. Porém, uma ex-aluna, numa das mesas discentes, argumenta que os principais motivos da aula são professores e alunos e que aí está o suficiente para começar.

Contexto

Alguns elementos dos quais não podemos esquecer são a formação e capacitação dos professores. Formar nesta ou naquela faculdade de educação física, trabalhar nesta ou naquela escola provoca alguns entraves que perpassam as diferentes concepções, com as quais a área tem convivido, na prática, de maneira confusa, mas não vamos falar disto. Não podemos esquecer das políticas públicas (desde a destinação dos recursos até a forma como são geridos etc). Porém, já anunciamos que também não faremos esse caminho. Nosso pântano está bem definido. Está sendo praticado. E *a lama que me macula também me alimenta* (Magalhães, 2006, p. 129). O autor ainda diz que:

O corpo não é um depósito de idéias. Não é silêncio. Ele é replicante, acima de tudo, mesmo que sejam réplicas silenciosas. Corpo e palavras se confundem na lógica dos

⁴ Cada mesa foi coordenada por um professor efetivo da área de Educação Física do Instituto Federal Minas Gerais – Campus Ouro Preto (Ana Paula Carvalho Barbosa José Porfírio de Araújo Filho) pelo professores substitutos Yuri Vitor Guimarães Vieira e Ana Flávia Pereira Leão e a professora convidada da Universidade Federal de Ouro Preto Maria Cristina Rosa. A apresentação do evento foi feita pela professora Laura Fernanda Rodrigues da Rocha.

sentidos, porque são signos, e são tipicamente humanos. É preciso significar. (Magalhães, 2006, p.29).

Nossa tarefa consiste em estabelecer um diálogo e ouvir esse corpo. Tendo como referencial a perspectiva histórico cultural resgato o que Todorov define com o que talvez seja a essência de Bakhtin: *o sentido é liberdade e a interpretação o seu exercício* (Bakhtin, 2003).

De fato este enunciado é extremamente perigoso. Uma possibilidade de relativização tão forte deveria ser um risco para uma área como a nossa, onde a eficiência, o resultado e a técnica ecoam de maneira incomparável. Na mesma medida é instigante porque não dominamos o sentido, não dominamos a interpretação, e não dominamos o exercício que praticamos para a liberdade. Podemos, então, caminhar e maisquerer o caminho como orientador do que a chegada. Orientamo-nos num outro princípio da perspectiva, assim como Vigotski, elegemos o *processo de mudança* como parte do *requisito básico do método dialético*.

Acreditamos que isso torna possível nos orientarmos pelas relações de ensino e pelo que elas suscitam. Acreditamos que os enquadramentos e as sistematizações perdem muito no campo da educação física porque as produções de sentido são realizações *acontecidas*, ao passarem pelo corpo: inquieto, lugar de tensões, único e múltiplo, ao mesmo tempo em que é lugar de registro é quem registra. Em outros espaços e tempos escolares o corpo não está tão exposto, não é tão visível, não é o foco dos acontecimentos e não é o reunidor do conhecimento tratado. Vincos, ranhuras, rugas, carquilhas, sulcos e engelhos são desgastes, são marcas que se registram primordialmente no tempo/corpo. São pertencimentos acumulados, méritos e padecimentos que se acumulam e formam.

Considerar o caminho como meio significa não perder nas relações de ensino os impactos de todo dia, de todas as aulas nas relações com os objetos, com a proposta, com os colegas e conosco. Podemos não saber o efeito exato desses

impactos, quantificá-los, explorá-los da melhor forma, da forma mais intensa ou correta, mas aqui importa explorá-los. Colocá-los em evidência. E buscar, sobretudo, a coerência com uma proposta que considera o lugar, os sujeitos e os conteúdos.

O universo da Educação Física Escolar, é mobilizado pelas nossas ações, dúvidas, experiências e contradições, somadas às contradições, experiências, dúvidas e ações do outro. É um *auditório social* (Bakhtin, 1996; 2003) de revelações cotidianas onde a única intersecção que encontramos está nas diferenças que se estabelecem nas relações de ensino, no caso da educação física, são relações de ensino repletas de peculiaridades.

Podemos pensar essas diferenças e peculiaridades como um ponto de partida para nossas ações como professores de educação física. Por excelência gostaríamos de chamar a atenção para uma diferença que é palpável, aquela do dia a dia, inegável mesmo diante das leis que tentam igualar as pessoas: somos diferentes não só por nossas limitações ou possibilidades físicas, emocionais, culturais, mnemônicas, comunicacionais, históricas. Somos diferentes porque estas limitações e possibilidades nos afetam e nos constituem de maneiras diferentes. E reforço o movimento desta concepção, em seu sentido mais denotado, quando acredito que as limitações e possibilidades, afetando e constituindo, afetam e constituem reciprocamente a todos diferentemente... Creio que esse visível alargamento das diferenças deve ser um fator de aproximação, na medida em que deve aumentar o respeito, a cooperação, a compreensão e nossa percepção de que é o nosso olhar para o outro como *anormal* que nos marca como *normal*, destacando nossas dificuldades em lidar com o diferente.

Daí que ao pisar na sala de aula encontramos pessoas diferentes. E peculiaridades da educação física nos permitem olhar e tratar essas pessoas desunificadamente, desuniformizadamente, e a dúvida quanto a esse viéz pode ser amenizada se pensarmos que por serem diferentes podem ser olhadas e tratadas diferentemente.

Considerando o esporte como conteúdo para-histórico à história da escola cabe uma inflexão a respeito do que fazer com os conteúdos da educação física escolar. Não vejo com naturalidade o esporte como conteúdo. Dou exemplo do que é praticado na maioria dos tempos e espaços reservados às aulas de educação física: é uma atividade eminentemente masculina, jogada com os pés, marcada pela competição, denunciada pela imitação do futebol de campo. Apesar de culturalmente hegemônica ela se torna no ambiente das aulas, como possibilidade de prática, ludibriante e embusteira na voz de uma minoria.

Tenho observado ao longo dos últimos anos que ao possibilitar outras práticas, diferentes formas de participação, diferentes contextos do jogo conseguimos equiparar os tempos/espaços das aulas e elevar a participação dos alunos. Até aqueles que denunciavam sua total apatia, distanciamento, irresponsabilidade, aversão, e mesmo trauma com a educação física percebem o embuste. Trato desta forma com base em observações ao longo desses últimos anos. Em turmas de aproximadamente quarenta alunos, uns poucos, sempre em número inferior a 10, *fardados* com as camisas dos seus times de futebol, embalados pelas noites anteriores de domingo ou de quarta⁵, investem com muita força na idéia do que deve ser feito em aula. Podemos dividir a grande maioria dos demais alunos em: peladeiros de plantão. Geralmente são habilidosos, tecnicamente falando, gostam da educação física desde que seja algum esporte. Facilmente se juntam aos primeiros, exceto quando a paixão é de rebuscado requinte em direção a outro esporte. Desinteressados e desinteressadas, desgostosos e desgostas, traumatizados e traumatizadas, afeminados e sexo frágil formam o restante da turma. É um grupo que raramente se posiciona por estar acostumado com uma educação física que sempre os desprezou, com uma linguagem cultural de total afastamento crítico dos acontecimentos em torno do esporte ou da educação física por considerar as coisas dadas, mesmo sendo de cunho humano, como

⁵ No Brasil a maioria dos jogos oficiais acontece nas noites de quarta e domingo.

parte da natureza, concebendo uma *natureza humana* para mim, difícil de aceitar. Tudo isso promove um elemento difícil de ser tratado: a auto exclusão.

Portanto, insistimos em considerar tanto do esporte quanto da escola suas origens, suas práticas e seus códigos. Isto nos permite refletir do lado de dentro da escola o que afeta indivíduos que recebem dela uma proposta formal de educação.

Não podemos deixar de pensar o esporte como prática social, pelas inquietações que provoca nas crianças e nos jovens, mas também pelas suas características. Convido Vitor Andrade de Melo, (2007. P. 68): *A despeito dessas diferenças de concepção* (o autor se refere por um lado a jogos na antiguidade com caráter pré-esportivo e por outro a um fenômeno da modernidade que apresenta suas similaridades e sentidos e significados completamente diferenciados daqueles), *não há como negar que desde o final do século XVIII essa prática social apresenta características marcantes e observáveis até os dias de hoje*. Falar delas é falar de uma organização peculiarmente massificada, mercadológica de alto impacto, política e ideológica, com sua história sempre movida pelo interesse de dominadores. Falar delas é falar de um poder estratégico, ofensivo, com referenciais totalmente alheios a realidade social da maioria das pessoas.

Nossas ações tem sido na direção do que Maria Isabel de Souza Mendes (RBCE 2004, P. 94) aponta:

Práticas educativas que, ao recusar a violência da sedação dos corpos, não se reduzam a incentivar quem é o mais veloz, quem chega primeiro, mas que possa contribuir com a descoberta das singularidades de cada um e com o reconhecimento do corpo do outro.

O que fazer...

Mudamos a indagação para uma reticência. Peço desculpas ao leitor, mas isto se deve ao fato de que já estamos fazendo a educação física em que acreditamos. Ela já está sendo praticada. Para isso a base é a dialogia. E também, suspeitas indispensáveis de uma polifonia de palavras, emoções e gestos. A idéia de que o processo é sempre processo e os acontecimentos no processo são orientadores para novas ações junto a planejamento, avaliações e os atores principais: os alunos. O poeta Thiago de Melo diria *que não é um caminho novo, é um jeito novo de caminhar*.

Na educação física que praticamos e acreditamos o corpo quer saber por que devemos *marcar* (Taborda de Oliveira, 20???) , chutar, driblar, atacar, defender, saltar etc., mais do que dançar, gingar, lutar, brincar, divertir etc. Diferentes corpos querem saber porque força, velocidade, agilidade, potência etc. tem que prevalecer?

Qual é a lógica? O quanto esta lógica pode transformar a prática em um simples fazer por fazer? Quando falamos de sentido e significado, amparados pela perspectiva histórico cultural, não pode haver abstinência ou negação da alteridade, da compreensão, do próprio sentido e do significado. *É impossível ao homem não significar* (Smolka, 2003). Estamos em busca do que isso representa para o movimentar. O que representa compreender a importância da velocidade antes de ser veloz? O que representa compreender a importância da força antes de ser forte? O que representa compreender o jogo antes de ser capaz de colocar em prática certos deslocamentos e ter condições físicas para executar certas movimentações? Estas questões se dissolvem numa educação física de maneira tensa onde a verbalização tem força de registro corporal juntamente com a execução. A técnica se dissolve no prazer. A falta de precisão se dissolve na ajuda coletiva, sempre recíproca. Aquelas valências se dissolvem no respeito às diferenças. Cremos que isto torna a educação física menos excludente, mais cultura escolar... Menos absurda, e mais prática corporal coletiva e enriquecida por alteridade e reciprocidade.

Referências

Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch. 2003. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. SP: Hucitec.

Magalhães, Romildo Sotério de. 2006. *Corpo e Palavra: signos da corporalidade na escola*. Dissertação. Campinas: UNICAMP/FE.

Smolka, Ana Luiza Bustamante. 2004. Sentido e significação. Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta da Rede de Significações. In: ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Kátia de Souza et al (Orgs.). *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed. p.35-49.

Taborda de Oliveira, Marcus Aurélio. 2003. Práticas pedagógicas da Educação física nos tempos e espaços escolares: a corporalidade como termo presente? In: BRACHT, V. e CRISORIO, Ricardo. *A Educação física no Brasil e na Argentina: Identidade desafios e perspectivas*. Campinas, SP: Autores Associados; RJ: PROSUL, p.155-177.

Todorov, Tzvetan. 2003. Prefácio à edição francesa. In BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 4ª ed. SP:

Vigotski, Lev Semenovich. 2000. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Trad. José Cipolla Neto; Luís S. M. Barreto e Solange C. Afeche. 6ª ed. SP: Martins Fontes,.

_____. 2001. *Psicologia Pedagógica*. Trad. Paulo Bezerra. SP: Martins Fontes, 2001.

_____. 2002 Manuscrito de 1929. *Educação E Sociedade*. 2ª ed. Campinas, SP.Cedes, ano XXI, n. 71, p.21-44, julho..